

TRINDADE Livre

À Biblioteca Pública de
Braga

26
JUNHO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: HENRIQUE BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

Lusiadas e a Integração Europeia

Marcello Caetano em Setúbal

Falou há dias o nosso Presidente do Conselho sobre os quatrocentos anos do poema de Camões, a comemorar em 1972.

Vem a propósito da data histórica um pouco da nossa História e da tão falada integração da Europa.

A devotada energia de carácter do primeiro português D. Afonso Henriques deveu o acanhadíssimo condado de Portugal aumentar-se e transformar-se em Reino.

O princípio

Robustecida, mercê da inclita perseverança de um punhado de heróis, que secundaram a sucessão, Portugal torna-se numa Monarquia respeitada e até certo ponto temida pelos seus vizinhos. Tempo volvido e por inépcia de quem empunhava o ceptro, só demonstrando audácia para contrariar os votos e representações dos seus vassallos, a Nação viu diminuir a energia e enfraquecer o seu valor. Mas, pela primeira vez o povo português reagiu e escorado num grupo de leais patriotas pôde salvar o País na borda do abismo. A glória resultante deste levantamento repercutiu-se na âm-

bito dos descobrimentos e da conquista que tornaram Portugal o maior império do mundo.

Desde Ceuta em 1415, a 1515 data final da governação de Afonso de Albuquerque, isto é: desde a porta aberta em África até à nossa supremacia em longa parte da Ásia, Portugal conheceu o mais amplo e mais fecundo poder universal.

Decadência

Tudo tivera levado um século a construir para ser despedaçado em metade, por lutas intestinas da Coroa Portuguesa que promoveram em estúpidos e mesquinhos delétricos a ruína do Reino e a perda da independência. E já foi na decadência da audácia, do valor e da coragem — os três melhores dotes do carácter português que se gizou a temerária e infeliz aventureira jornada do jovem D. Sebastião. Nem o veto do cardeal-rei D. Henrique, nem daqueles que pretendiam com razão afastar os conselheiros vendidos a Castela, nem o ânimo para tolher o passo a Filipe II sobre Lisboa, valeram algo. O bom senso gorou-se.

Assim, sessenta anos Portugal viu-se amarfanhado sob a tutela do usurpador, no fim dos quais os seus brios amorticados e que já se afiguravam destruídos, renasceram.

Reabilitação

Mais uma vez a voz patriótica soou pelas montanhas de Portugal e a Pátria teve a fortuna de, ousando arremeter contra o formidável poder de Castela, vencer todas as batalhas de uma guerra que durou cerca de trinta anos. Conjurado o perigo, reassegurada a independência, sossegamos adormecidos sob as copas da árvore da vitória, num visto de bonomia e de prazer reforçados pela riqueza imensa que no Brasil se descobriu em minas de ouro e de diamantes, fonte julgada inesgotável para deslumbrante aparência.

E o trabalho — dinâmica fonte que opulenta as nações

(Continuação da 4.ª página)

AGRO 71

um mostruário ilucidativo

Abriu, na passada terça-feira, a IV exposição-feira agro-pecuária do norte. Temos, assim, à disposição do público um mostruário magnífico das possibilidades agro-pecuárias da nossa região.

Ha lá muito que ver, muito e significativo. Lição admirável para os que sabem ver e querem aprender.

Temos pena que lá não vá toda a gente. Toda, proprietários ou não, agricultores ou simples donos de casa. É que, ao contrário do que muitos pensam a exposição não é só para os proprietários agrícolas, para aqueles que podem comprar coisas.

A exposição tem ensinamentos para toda a gente, de todas as classes, independentemente das suas possibilidades e do seu ramo de actividade.

Aprende a simples dona de casa, o chefe de família modesto, o estudante, o artífice de qualquer ramo, isto é, toda a gente.

O mal é que se pense, por

vezes, que nestas coisas não tem lugar quem não tem muito para gastar.

Esta exposição é mais completa que as anteriores, é, em verdade um repositório completo.

Podemos asseverar que ali se vê o suficiente para se aprender tanto como visitando a Feira Nacional de Santarém.

Os exemplares de gados são mesmo de qualidade a não desmerecer no confronto. Todas as raças usadas no nosso meio ou aquelas que melhores provas têm dado nos meios mais evoluídos ali aparecem em quantidade e qualidade para merecerem a nossa admiração.

Apraz-nos, com muito gosto, fazer aqui um apelo: que toda a gente vá visitar a exposição feira da Agro-71.

Mas toda, desde o proprietário ao caseiro, ao rendeiro, ao simples chefe de família que todos terão lá muito que aprender, e é preciso que aprendem todos.

«O Socialismo (em Portugal) não tem outro caminho senão o do comunismo»

No mundo em que vivemos estão formuladas, cada vez com maior nitidez, grandes opções, de que depende o futuro da Humanidade.

A Accção Nacional Popular propõe aos portugueses certos caminhos para resolverem essas opções.

Fundamentalmente o que está em causa é correr os riscos da revolução socialista ou escolher a reforma da sociedade em que se mantêm as liberdades essenciais da pessoa e a iniciativa privada na economia.

O socialismo está na moda em certos sectores do pensamento e do ensino. Socialismo que, na prática, inevitavelmente resvalaria para o comunismo — autoritário, já que o anarquismo é mera utopia sem outro efeito que não seja o terrorismo com que os libertários se pro-

põem destruir as estruturas sociais existentes.

E digo que o socialismo não tem outro caminho senão o do comunismo porque, um país como o nosso, onde, há muitos anos, e sobretudo graças à doutrina corporativa, se deu todo o relevo aos interesses sociais e se faz largamente a intervenção do Estado na economia, que evolução resta aos socialistas senão a apropriação dos meios de produção — isto é: a socialização das terras, das fábricas e do comércio?

E que é isso, senão a entrega de toda a vida social a uma burocracia onde predominem os teóricos do partido comunista? E se não há liberdade de iniciativa e de escolha de trabalho, como há-de existir qualquer outra liberdade, como é que os indivíduos hão-de escapar à dependência quotidiana desse patrão único que seria o Estado, e que só poderia controlar o país graças a uma constante e implacável opressão policial?

«Uma liberdade suicida»

Este é o panorama apresentado pelos países comunistas. E quem tenha dúvidas não tem mais a fazer do que ir ver pelos seus olhos. Para depois poder ajuizar autorizadamente. E acabar com as ilusões das maravilhas da direcção central da economia, que, suprimindo as decisões individuais, mata

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Andei há dias por Espanha e pela França, na conquista de merecidas férias. Descansei? Talvez. Pelo menos relaxei-me e deixei correr as horas, sem pensamentos assolando a alma. Foram férias de facto.

Tive a sorte de encontrar emigrantes e, por via do acaso li e reli um estudo curioso do dr. Xavier Pintado, sobre o caso social português, que levei comigo.

A incidente desigualdade dos salários portugueses e dos europeus foi objecto de um bem elaborado estudo comparativo pelo ilustre estadista, que nos traz uma sé-

«Continua na 4.ª página»

Mini-Gazeta

Ninguém me vai «chatiar»
Mas vou contar a verdade
Passada c'uma comadre,
Que quase é da minha idade
E gosta, enfim, de reinar.

Já lá vão anos bastantes:
Tendo ela adoecido
Chamou o facultativo
Que acorreu, pressurativo,
Nos infelezes instantes.

Tomou-lhe o pulso e, depois,
Sossegou-a, de maneira
Que ao marido, em verborreia,
Di'gностicou bebedeira,
Que veio alertar os dois!...

Eles, então — ela e ele —
Gargalharam do avento,
Pois o doutor, no momento
Fez do seu pulso elemento...
— A bebedeira era dele!...

DAVUS



S. Pedro em Figueiredo

Hoje e amanhã, Figueiredo está em festa para honrar o seu Padroeiro S. Pedro.

A exemplo dos anos anteriores haverá arraial minhoto, vistosas sessões de fogo de artifício e preso, divertimentos, folclore e duas afamadas Bandas de Música, hoje à noite e amanhã, havendo também amanhã a imponente procissão que, como é tradição, nela se incorporam dezenas de figurados e muitos andores ricamente ornamentados.

Visite Figueiredo e aprecie as suas já famosas e tradicionais Festas a S. Pedro.

Vamos hoje, já que o Tavares esta semana falhou na sua página, ocupar o seu espaço para falar um bocado do futebol em Amares. Do último jogo que o Amares realizou, em Nine, e venceu, e se encontra em posição de ganhar o campeonato, já que os jogos que lhe faltam, Cabeceirense, (amanhã) Palmeira e Celorico, são realizados no campo Calheiros Abreu, enquanto o Sequeirense (primeiro na tabela) tem saídas difíceis e não nos parece que leve de vencida adversários como o Âncora e outros. Isto porque o Amares, vencendo amanhã o Cabeceiras fica em segundo lugar a dois pontos do leader. Pode, portanto, ser campeão.

O que disse e vou dizer é pura e simplesmente para os emigrantes ficarem ao corrente do que se passa cá no burgo respeitante a futebol, já que de outros assuntos, políticos ou não, sobram colaboradores.

Mesmo até olhando a que outros apontamentos aqui inseridos, e com títulos alarmantes, não vão criar na mente de quem

está fora da terra e do País, e que gosta do futebol, a ideia de que está tudo em decadência, equipa e direcção. Não! A verdade é bem outra. Quem, mais ou menos como nós, está dentro do assunto, sabe perfeitamente que há jogadores e em quantidade para levarem de vencida a prova e há homens para, nos momentos cruciais, tomarem as rédeas da direcção de maneira a que sempre haja em Amares futebol.

E a verdade é que, ao domingo, quando há jogos oficiais ou não oficiais cá no parque, a vila enche, vê-se movimento, e quando há movimento há vida, há comércio e há o nome de Amares a ir longe; e, claro, com bons resultados como o grupo tem feito, o nome de Amares, temos a certeza, é pronunciado com mais respeito fora de portas e em terras distantes.

À parte tudo isto, sempre houve homens, em momentos difíceis, que tomaram às costas o duro encargo de dirigir os destinos do clube. E com que encargos dizemos nós. Para exemplo, vamos citar um:

o Manuel Janela. Não é nada, e embora criado na Feira Nova, sempre, e quantos anos! desde atleta até à direcção e treinador quantas canseiras e quanto amor ao F.C.A. Quantas vezes, jogadores que o eram no tempo, à hora da camioneta partir para se disputar um jogo, eclipsavam-se para poder namorar e não perder um domingo de moça e o Janela (lembra-se?) lá procurava e pedia para se procurarem (e às vezes encontrava-os) e, com que sacrifício, lá os convencia a irem jogar.

Quantas despesas ele fez que assentou em canhotas e botou ao lume? Quanto sofrimento nas bancadas (roer as unhas, tosse, cigarros em série) e mais? Quantas noites perdidas para vigiar que os (seus) jogadores não perdessem sono e por consequência estivessem aptos no dia do jogo?

Por isso dizemos, sem medo de desmentido, que o Amares não acaba nem tem crises de afundar de vez porque há sempre um Janela que aparece na hora H.

Do que se passar amanhã no próximo número cá estamos a relatar-vos o que suceder, ao menos nesta arrancada final em que o Amares pode, e oxalá aconteça, ser campeão.

Catolino

RICO E POBRE

(Continuado do número anterior)

então não nos há de faltar um cura que nos deite a bênção.

—E quando tencionas partir?

—Brevemente.

—E quando será esse brevemente?

—Olha: hoje mesmo irei ver uma bonita casa que está à venda na Castelhana. Se me parecer aceitável, irei buscar-te para que a vejas. Uma vez comprada a casa, isto é, o nosso ninho de amor, então poderemos tomar no dia seguinte lugar no caminho de ferro.

—Porém eu preciso fazer alguma roupa, comprar algumas cousas que me serão necessárias na viagem e...

—E quem te impede que faças isso?

—Não tenho dinheiro.

—Como! Não tens dinheiro! E os cinco milhões?

—Oh! Nesses não quero tocar.

—Dizes bem! Pega.

E Luís deu algumas notas do Banco a Rosa, que esta guardou no bolso, pensando que era uma verdadeira infâmia fazer uma má partida a um amante tão generoso.

Porém Rosa não olvidava que por detrás daquela generosidade se ocultava um crime, que a lei castiga com a força.

Rosa, que tinha outra entrevista, e que com muita dissimulação tinha dirigido um ou outro olhar para o relógio que estava sobre a pedra do fogão, ao ver que este marcava três horas e meia, disse:

—Não percamos tempo; enquanto vais ver a casa eu vou a uma modista. Estou impaciente porque comece para nós a nova vida.

E levantando-se, ajuntou:

—Vais esta noite ver-me?

—Espera-me para cear.

Luíz trocou um beijo com a sua amante e separam-se.

Rosa saiu do hotel, e subindo para um trem de praia, disse ao cocheiro.

—Rua do Olmo n.º 4.

No quarto andar desta casa vivia Fernando, como um cenobita, isto é, só. Os únicos móveis que ali havia eram uma cama, duas cadeiras, uma mesa e um lavatório.

Fernando nunca estava em casa. Tinha aquela habitação unicamente para dormir, pois comia na hospedaria.

Fernando, enquanto que Rosa estava com Luíz no hotel, esperava em casa e começava a impacientar-se, quando bateram à porta. Abriu-a e viu Rosa, a quem estava esperando desde as três.

—Graças ao demónio!—exclamou—Pensei que não vinhas hoje.

—Meu caro Fernando, nem sempre se pode fazer o que se quer. Já sabes que Luís me tinha convidado para almoçar.

—E almoças-te bem, não é verdade?

—Vens com ciúmes?

—Enfim, que combinação fizestes?

—Combinamos muitas coisas que não se realizarão.

E Rosa, mudando o acento de voz, ajuntou:

—Ah! Se soubesses quanto trabalho me custou dissimular! Desde que me revelas-te o teu crime, Luís só me inspira repugnância.

—Ninguém o livra da força se se descobre alguma coisa.

—Calate, Fernando!—atalhou Rosa—horrorizas-me!... Parece incrível que Luís tenha cometido um crime tão repugnante.

Deixemos esse assunto e falemos no que nos interessa.

—Luíz propoz-me uma viagem a Paris.

—Irás a Paris, mas não com ele que há-de ir ter ao Saladero.

—Sabes que tenho medo da minha situação?

—Temes Luís?

—Sim.

—Ora eu o ataraí curto, e assevero-te que nunca mais se meterá connosco. Amanhã no primeiro trem sairemos para França. Se ele quiser seguir-nos, pior para ele.

—Esta noite quer vir cear comigo.

—Pois bem, depois da ceia partiremos. Ah! Esquecia-me dizer-te, que se por acaso te pedir os cinco milhões que depositou nas tuas mãos, que não lhos entregues. Diz-lhe, por exemplo, que não queres que vá de noite com tanto dinheiro.

—Sim, já sei.

—Deu-te mais dinheiro?

—Deu-me umas notas de Banco para mandar fazer roupa de viagem.

—Dá-me dois mil reais; tenho que fazer algumas despesas para preparar a nossa fuga. Tu não tens mais que fazer agora senão meter o dinheiro e as tuas jóias em uma mala, e logo que Sebastiana se deite, sair de casa; estarei à tua espera mesmo à esquina da rua.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

O sr. Carlos Bacelar e sua esposa D. Maria Guilhermina pediram a sua transferência para a Estação dos Correios de Braga.

Em pouco tempo as suas presenças na Estação dos Correios da Feira Nova cavaram fundo o desgosto que todos sentiram ao saber tal notícia. A biografia do sr. Carlos Bacelar é difícil de conhecer pelos mistérios de bondade e inteligência que envolve essa simpática e jovem figura que honra o funcionalismo público português. Creio que ninguém me desmente ao fazer esta leve afirmação para exaltar publicamente o seu carácter.

* * *

O sr. José Tavares não me surpreende pela sua cultura e fama encantadora de escrever.

A sua última carta do Canadá deu relevo ao noticiário da Tribuna Livre, não só pelo que disse aos patíficos por esse mundo espalhados, como pelo seu apelo para honrar a terra onde nasceu o Universal S.to António.

Que os que lá estão fora se não melindrem mas o Tavares é um português «Sui-generis».

Bem era que os seus exemplos fossem seguidos e os seus actos reconhecidos como qualidades que definem os homens de carácter, os emigrantes que sabem honrar a Pátria.

Ele como eu, filho da pobreza triste da Feira Nova, empurrados, por sorte, para esse mundo, conseguimos ser portadores honrados de poucas moedas restando-nos a consolação. Graças a Deus, de saber marcar a nossa presença e todos os quadrantes. É essa qualidade que, para quem visse no campo da dignidade, algum apreço pode ter.

* * *

As obras do saneamento começaram no Largo Dr. Oliveira Salazar, a velha e antiga Feira Nova que não envelhece pelos carinhos dispensados pela Câmara e pelos filhos que vivem nesse círculo... não vicioso nem viciado.

O saneamento impunha-se há muito como medida higiénica e como terra progressiva sempre visitada por turistas de passagem para o S. Bento ou para a maravilhosa serra do Gerês aonde o milagre das águas já afirmaram a milhões de hepáticos.

A fachada do edifício do nosso hospital — Misericórdia está pintada e a sua beleza causa admiração e honra os empreiteiros senhores Eusébio Exposto e Filhos de Carrazedo. Espera-se a participação prometida para o recheio científico de aparelhagem moderna e elevado custo para começar a funcionar. Oxalá que essa Santa Casa esteja sempre vazia mas cheia de parturientes para darem filhos bons e bonitos.

* * *

Os ricos festejos realizados em honra de Santo António puseram em destaque o nome do homenageado que é o Fernandinho de Bulhões quando pela Sé de Lisboa começou a cheirar as riquezas do Cristianismo bem patentes para Ele e para nós todos que, só na Igreja, sentimos o perfume suave das belezas Celestes.

O tempo foi até hoje de verdadeiro inverno. Frio e chuva torrencial que obrigou a Comissão de Festas a fazer apêlos contrários à sua vontade mas pelo que leio do Canadá a coisa vai resolver-se honestamente para todos.

Elísio Gonçalves

Futebol Amarense

De minha autoria publicaram vários jornais uma notícia verdadeira sobre o Futebol Amarense, notícia essa baseada em informações concretas.

O sr. Manuel Janela, a quem entrevistamos, não foi nessa notícia, por lapso, incluído no número dos homens despojados de vaidades e sempre pronto para a defesa da honra futebolística que ele apaixonadamente defende como valoroso elemento. Creio na Fé dos homens de boa vontade, creio no sr. Janela e nos restantes elementos do grupo que a Modelar oferece ao desportivismo. Creio também que o sr. Janela não ficará melindrado nem pelo que ficou por dizer nem pelo pouco que agora digo a respeito dos seus merecimentos.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanaário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviar as suas notícias e artigos até «quarta feira».

Vida elegante

Fazem anos:

No passado dia 19 festejou junto de seus pais, nos E.U.A. o seu aniversário natalício o sr. Manuel A. Machado da Costa que, do Luxemburgo, partiu para junto dos seus.

Hoje a sra. D. Madalena Gonçalves Rodrigues.

Amanhã o nosso assinante sr. Daniel Lourenço Martins, ausente em França com sua esposa e filho.

Nesse dia passa também o seu aniversário o sr. José Abreu Dias, funcionário da Sonap desta vila.

Notas e Comentários

A cordialidade futebolística faz parte da educação desportiva. O Clube de Amares foi a Nine pela primeira vez para um encontro que deixou saudades pela correcção dos jovens desportistas.

3x2 foi o resultado final do encontro e uma prova comum das qualidades dos

No dia 29 o sr. António dos Santos Barros, dos Armazéns da Feira.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

homens que se abraçaram todos molhados... de suor.

* * *

A situação das indústrias e comerciantes de Rendufe é grave por falta de comunicações telefónicas. Alguns já há dois anos requereram o aparelho. A cabine local está sempre pronta a atender mas não está para mandar recados. E muitos são já os prejuízos por falta de um estafeta que não se encontra ainda que se procure. Quando vem os telefones?

Visado pela C. de Censura

**Essa é que é essa!
com Gusathion MS
não há bicho que
apareça**



Gusathion MS contra todos os insectos e ácaros inimigos dos pomares

Até há pouco, para lutar contra os diversos tipos de insectos e ácaros parasitas que atacam os pomares na primavera e verão, o lavrador tinha de recorrer sempre a dois ou três produtos diferentes, conforme os inimigos a combater. Hoje, essa tarefa é muito mais fácil. O lavrador tem no GUSATHION MS um insecticida para combater todos os tipos de parasitas dos pomares. GUSATHION MS reúne num só produto as qualidades de um insecticida de contacto ou ingestão e as de um insecticida sistémico.

GUSATHION MS permite, assim, combater eficazmente, ao mesmo tempo, todos os tipos de parasitas que infestam os pomares, como sejam: piolhos, hoplocampas, aranhas vermelhas, lagartas diversas, bichado dos frutos, lagartas mineiras, psyllas e cochonilhas, incluindo o piolho de S. José e outros. GUSATHION MS representa, pois, uma vantagem notável para o fruticultor, vantagem que se traduz em facilidade de escolha e aplicação — em economia.

®

Gusathion MS

é um produto BAYER



ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

NOTARIADO PORTUGUÊS

SECRETARIA NOTARIAL DE BRAGA

SEGUNDO CARTÓRIO

Notário Lic. António Magro Borges de Araújo

CERTIFICO narrativamente para efeito de publicação que por escritura de 20 do mês findo, exarada de folhas 41 a 44 do livro de notas para escrituras diversas número 188-B, deste cartório foi constituída entre MANUEL PEREIRA LOPES, ANTÓNIO DE AZEVEDO SÁ COUTINHO RUSSELL, JAIME DE ABREU DIAS e AGOSTINHO CESAR VIEIRA uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada que há-de regular-se nos termos das clausulas constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «A. CESAR VIEIRA & COMPANHIA, LIMITADA» e vai ter a sua sede na vila de Amares.

§ ÚNICO — A assembleia geral poderá deliberar a transferência da sede para qualquer outro local.

2.º — A sua duração é por tempo indeterminado, a contar do dia 1 do corrente mês de Maio.

3.º — O seu objecto é a compra e venda de prédios rústicos e urbanos, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de indústria ou comércio em que os sócios acordem e que seja permitido por lei.

4.º — O capital social é de 80 000\$00, integralmente realizado em dinheiro e dividido em quatro quotas de 20 000\$00, pertencentes uma a cada um dos sócios.

5.º — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital.

6.º — A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, competem aos sócios Manuel Pereira Lopes, António de Azevedo Sá Coutinho Russell e Agostinho Cesar Vieira, que desde já são nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º — Para a sociedade ficar obrigada nos seus actos e contratos é necessária a assinatura de dois gerentes.

§ 2.º — Qualquer dos gerentes poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência em procurador da sua escolha.

§ 3.º — Consideram-se incluídos nos poderes dos gerentes os actos de compra e venda de veículos automóveis.

7.º — Os sócios não poderão exercer, individualmente ou associados com outrem, ou por intrepuesta pessoa, os mesmos ramos de indústria ou comércio da sociedade.

8.º — Na cessão de quotas a estrangeiros tem a sociedade em primeiro lugar, e os sócios não cedentes em segundo, o direito de preferência.

9.º — Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade continuará com os herdeiros ou o representante do sócio falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a quota se mantiver indivisa, o qual passará a exercer nela as funções de gerente.

10.º — Dissolvendo-se a sociedade serão liquidatários todos os sócios, que procederão à partilha conforme entre eles for acordado; se mais de um sócio pretender ficar com os haveres sociais serão os mesmos licitados verbalmente entre os preferentes e adjudicados àquele que melhor preço e condições de pagamento oferecer.

11.º — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, salvo os casos para que a lei exija outra forma de convocação.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL

Secretaria Notarial de Braga, 7 de Junho de 1971.

A Ajudante,

Ludovina Domingues da Silva

Telefones para serviços



DE URGÊNCIA

Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133
Bombeiros Voluntários	62162
Guarda Nacional Republicana	62115

«Uma liberdade suicida»

(Continuado da 1.ª página)

também toda a autonomia e dignidade das pessoas.

Temos, porém, de nos acautelar contra a tentação e opôr ao comunismo um liberalismo moldado sobre os padrões do descuidado século XIX.

Não é por acaso que, nos países não comunistas, os partidos socialistas aparecem como estrênuos defensores de todas as liberdades, por eles mesmos metódicamente sufocadas nos países onde governam sós.

Os comunistas gritam sempre em alta voz contra as restrições dos direitos individuais nos Estados que não dominam.

E a razão é fácil: o liberalismo político, praticado com a ingenuidade de outrora, assegura-lhes facilidades de doutrinação e de acção preciosas para a destruição da própria liberdade.

Ora uma liberdade que permita aos seus inimigos actuar à vontade é uma liberdade suicida.

E mal vão os países que sacrificam ao mito da liberdade acima de tudo e ao prevalecimento da consciência e da opinião de cada um sobre a razão colectiva, a sua segurança interna e externa: por muito poderosos que sejam, espreguiçam-se a decadência, senão a revolução e a ruína.

5.ª COLUMNA

(Continuado da 1.ª página)

rie de prodigiosos elementos e fornece nova maneira de ver o nosso êxodo migratório para os países de maior rendimento humano, que o trabalhador português porfia na mira de um aumento do seu índice de vida, embora subjugado por toda a gama de contrariedades que qualquer deslocação longínqua implica.

E desse estudo podemos respirar do nosso pensamento ao colocar de cima muitos dos óbices de que alguns se vêm queixando e pormos em paralelo o bem e o mal do nosso referido êxodo.

É que na maioria dos casos aponta-se sempre o espírito de aventura, factor único da emigração constante que de longa data se vem dando no país. Não é verdade! O nosso espírito de aventura embora existindo, não supre o amor à terra, à família, à conveniência portuguesa no próprio Portugal. E a prov disso reside, precisamente, naquela palavra tão apregoada e intraduzível no estrangeiro: Saudade!

A saudade do português pelo seu torrão é irremediável e ela brota sincera, alacre, íntima e expansiva quando alguém daqui aparece por esses longes onde o homem e a mulher portuguesa labutam para melhorar o seu índice de vida. Logo, não pode dizer-se nem apregoar-se, como é moda, o espírito de

Lusiadas e a Integração Europeia

—fora descorado em favor do vício e da corrupção, que avassalava o País e abalava os alicerces seguros da nobreza da Pátria. Um homem surgiu então — Sebastião José de Carvalho e Melo. Este extraordinário estadista, segurando com rédea firme o corcel que à desfilada galgava incomensurável e estrada da negligência, de depravação e desequilíbrio do País demolindo convenções sociais, reformando a construir, conseguiu a golpes de energia, tacto e firmeza consolidar o seu antigo prestígio. A nação empobrecida já por malbaratadas todas as riquezas que acumulara, no raro génio de Marquês de Pombal ressurgiu vigorosa, forte e industrialmente sã numa metamorfose — espécie de rejuvenescimento que granjeou novos e múltiplos ascendentes no mundo.

A morte de D. José I pôs um travão neste áureo período e muito embora no reinado de D. Maria se tivessem empreendidos novos e poderosos melhoramentos, mais uma vez ainda os elementos deletérios, (sempre os mesmos) que permanecem por toda a parte, conseguiram implantar o caos.

O Caos

Daí resultou uma desvalorização da nossa Economia, que produziu o papel-moeda e definhou exuberantemente todo o progresso industrial e comercial que culminou pelo escandaloso tratado de 1810.

E foi neste estado de espírito de um povo, que a França se apossou do País sem disparo de um tiro, por falta de oposição do próprio governo, em fuga para o Brasil, entre a cobardia e o pasmo impassível da nação.

Só a reacção voluntária e patriótica pôde operar novo milagre que a Providência parece encarregar-se de gerar em Portugal quando a nação se encontra rente ao abismo: três datas gloriosas — 1385, 1640 e 1810.

Há que juntar a estas, duas mais recentes. Quando a Mo

aventura do português. Nem sequer, se remontarmos aos descobrimentos de quinhentos, nisso se pode falar. Não! Nós fomos na procura de rendimentos que não tínhamos. fomos pela necessidade, fomos para dilatar a fé e também o império. Isso nos moveu, mais que qualquer espírito de aventureiro. Deixemos, pois, semelhante adágio.

Esta ilação tirada da minha viagem a Espanha e a França, onde encontrei os nossos emigrantes.

Se o Leitor não pensar assim, va dar um passeio e depois diga-me algo...

EME ABRIL

narquia parecia soçobrar numa amálgama infinita, em que as Finanças, a Economia o Labor e a liberdade constitucional se davam as mãos para afundar o País, eis que surge a República, como grito uníssono de um povo que se levanta da letargia para a continuidade da Pátria. Mas os homens que fizeram a República adormeceram ao som da marcha vitoriosa e em 1926 um português, o marechal Gomes da Costa — na altura em que tudo parecia submergir de novo levou a sua espada e triunfalmente arrancando de Braga, chegou a Lisboa para sanear, coordenar, lançar a base de um novo e são ressurgimento.

A vitória, por fácil, quase era subvertida. A discórdia tentou desunir os vencedores. A calma chegou porém. Pouco a pouco as paixões foram-se eclipsando e a confiança renasceu nos seios político e público concitando a atenção de governantes e governados.

A nova ideia

A tolerância de parte a parte fecundou e as reformas e melhoramentos na instrução superior, popular, na legislação, em estradas, caminhos de ferro, rodovias, energia eléctrica, telégrafo e telefones, têm operado uma inacreditável transformação do país.

Está lançada à terra a futura prosperidade da Nação; mas a grandeza das nações, dependendo da força moral e cívica dos seus cidadãos tem de fazer-se através de energia e do vigor, de seriedade no compromisso, da inteligência e do carácter, da realidade e não do mito. Posto isto, resta assegurar à Pátria Portuguesa a sua continuidade no caminho do dever — que é o de direito, a que sempre nos devotamos e defendemos, ainda recentemente, há um década, em Africa.

Fala-se no futuro da Europa, na sua integração, palavra que na melhor das hipóteses e na pior da intenções representa submissão a um poder central económico-político.

Portugal não se nos afigura eivado de semelhante sentimento para sujeitar-se a uma centralização de que o império português já fora centro. É o próprio épico que no-lo diz:

«Eis aqui, quase cume da cabeça Da Europa toda, o reino lusitano, Ond' a terra se acaba e o mar começa E onde Febo repousa no oceano...»

Patenteando através de oito séculos tantos exemplos de virtudes cívicas, militares e políticas, como os que ilustram a nossa história, preferimos apenas lembrar que uma nação com o poder maioritário da sua capacidade criadora, não pode obliterar-se em face destas cinco gloriosas datas: 1385, 1640, 1910 - 1926.

Militão Porto